

OCCIDENTE

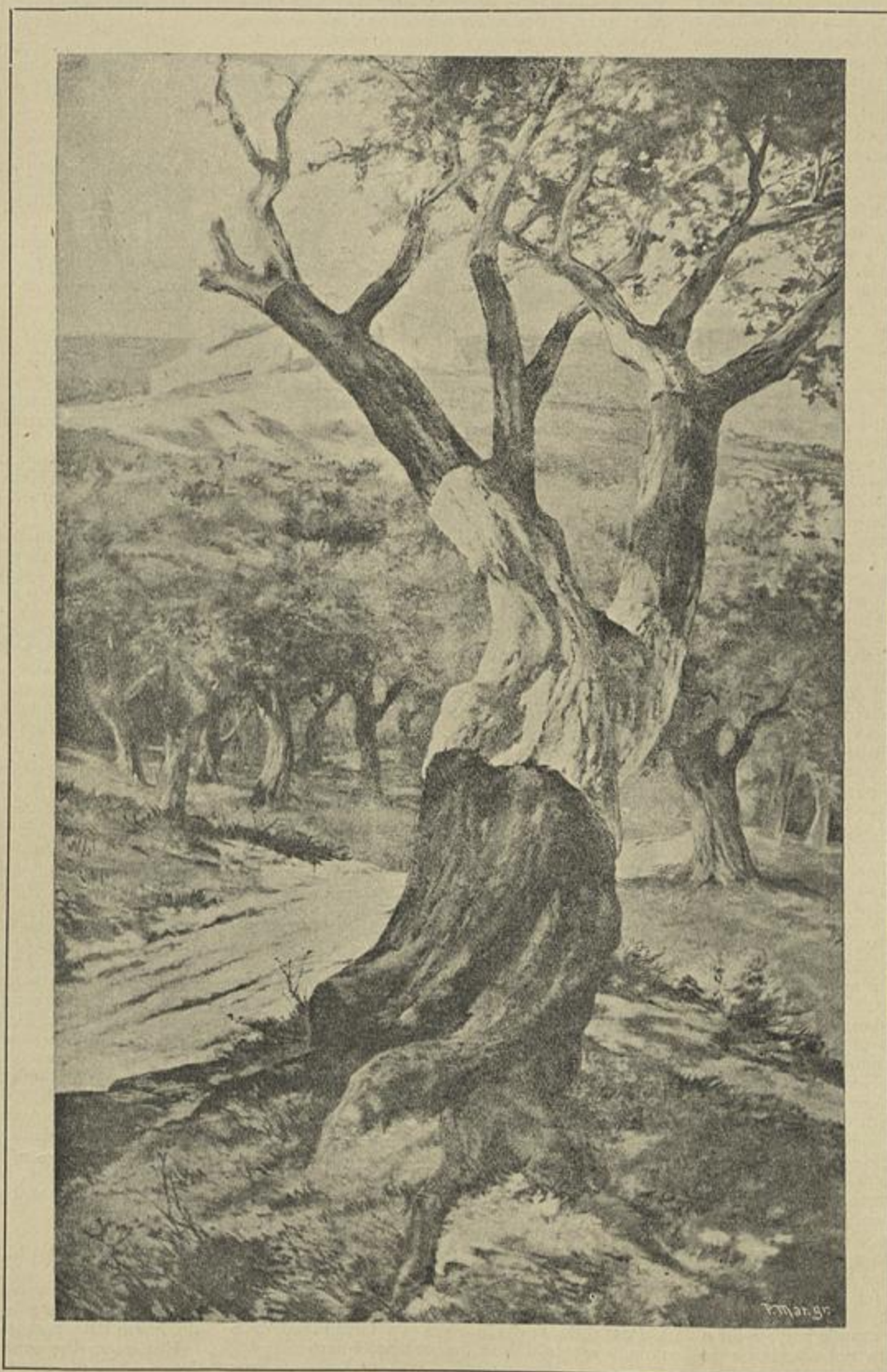
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XXVIII Volume

30 de Abril de 1905

N.º 948

Quinta Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes



PAISAGEM DO ALEMTEJO. — DESENHO A PASTEL DE S. M. ET. REI D. CARLOS
Vidê artigo «Quinta Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes», paginas 82 e 86 do numero antecedente

— Pelo amor de Deus! segredou, vá-se embora! em quanto é tempo!

Abanei a cabeça com modo resoluto, se bem que a maneira de proceder d'aquella mulher me houvesse abalado a ponto que a mim proprio me não atrevia a confessar, e declarei-lhe terminantemente a minha intenção de me deixar estar onde estava. Ia ella recommençar as suas objurgatorias, eis que oiço fechar uma porta no primeiro andar e os passos de alguém descendo a escada. Escutou por instantes, ergueu as mãos para o céu com expressão desesperada e desapareceu com a mesma pressa com que apparecera.

Os recémvidos eram o coronel Lysander Stork o um homenzinho gordo, com uma barba grisalha a despontar-lhe pelas rósca da papeira; foi me apresentado sob o nome de Mr. Ferguson.

— E' o meu secretario e meu gerente, declarou o coronel. Mas, a proposito, quer-me parecer que tinha fechado aquella porta quando sahi? Reccio te-lo deixado exposto a uma corrente de ar.

— Pelo contrario, observei, fui eu que a abri por que tinha calor.

Vibrou-me olhar desconfiado.

— Se lhe parece, tratemos do nosso negocio, disse. Eu e Mr. Ferguson vamos acompanhá-lo a ver a machina.

— Será necessario levar o chapéu?

— Não se incomode, está de portas a dentro.

— Como assim, pois extrae a greda do proprio predio?

— Não, senhor. Nós aqui apenas a comprimimos. Mas deixemos isso por emquanto. O que desejamos, resume-se em que exami-



JOSÉ SIMÕES D'ALMEIDA

Novo director da Academia de Bellas Artes

ne a machina e nos diga se tem qualquer coisa partida ou algum desarranjo.

— Subimos juntos, abria caminho o coronel com o candeeiro na mão, o nutrido gerente e eu seguindo-lhe as piugadas. Era o proprio labyrintho aquelle velho casarão, todo elle corredores, passadissos, estreitas escadas de caracol, portinhas baixas, cujas soleiras estavam gastas pelos pés das anteiores gerações. Nem existiam tapetes nem mobilia alem da que guarnecia o rez do chão, e a calça a soltar-se das paredes sarapintadas pela humidade de manchas verdoengas e insalubres. Tentei assumir modo indifferente, mas não logrei esquecer de todo o aviso da mulher, supposto me houvesse negado a dar-lhe ouvidos, e sem nunca perder de vista os meus companheiros.

O coronel Lysander Stork parou em frente de uma porta baixa e abriu-a. Dava acesso para um cubiculo quadrado em que nos custaria a caber todos tres Ferguson ficou da banda de fóra, e o coronel fez-me entrar consigo.

— Eis-nos na prensa hydraulica, disse, e não seria das mais commodas a nossa situação, se algum se lembrasse de a fazer funcionar. O tecto deste cubiculo é *ipso facto*, o embolo de compressão que vem contundir este pavimento metallico com uma força de varias toneladas. Existem pela banda de fora uns columnélos lateraes contendo agua, recebem a força e transmittem-na multiplicada conforme deve de saber. A machina ainda funciona, mas parece offerer uma tal qual resistencia, e tem a força perdida. Se quizer dar-se ao incommodo de a examinar e dizer-nos o que cumpre faer?...



A POBERDADE



SAPHO

ESCULPTURAS DE SIMÕES D'ALMEIDA



DA ESQUERDA PARA A DIREITA — 1.º PLANO (SENTADOS): — ALBANO DA FONSECA, JOSÉ CHAGAS, JUSTINO GUEDES, FERREIRA JUNIOR E MANUEL DE FIGUEIREDO.
 2.º PLANO (DE PÉ): — PIRES FALCÃO, TORCATO SEIXAS, FRANCISCO DE SOUSA, JOÃO DE FIGUEIREDO, AUGUSTO VARELLA, EDUARDO MARTINS E J. DUARTE.
 3.º PLANO: — ARMANDO SOARES, JOSÉ AUGUSTO CARDOSO, AMILCAR DO-INSO, ARCADIO MENEZES E JULIO DE SOUSA.

CORPOS GERENTES DO CLUB «SIMÕES CARNEIRO»



CLUB «SIMÕES CARNEIRO» — SALA DE BAILE E THEATRO, DECORAÇÃO DO SR. EDUARDO REIS

Tirei-lhe das mãos o candeeiro e encetei minucioso exame. Era um maquinismo gigantesco e apto a exercer enorme pressão. Vim cá fóra, e baixe as alavancas de movimento. Verifiquei então pelo som, a existência de uma fuga, por onde sahia a agua. Descubri, tambem que a guarnição de cauchú de uma haste de embolo tinha encolhido e já não preenchia o espaço que devia obter. E ali estava, seguramente, a causa da perda de força: participei-os aos meus companheiros e escutavam-me com a maxima attenção fazendo-me varias perguntas de caracter tecnico ácerca do modo de proceder ao concerto. Muito bem explicado tudo, regressei á camara do cylindro decidido a satisfazer de novo a minha curiosidade.

Estava a meter-se pelos olhos que a tal historia da grêda era apenas mera invenção (seria um absurdo, effectivamente, utilizar um engenho de potenciação tão desproporcionada a semelhante fim). As paredes do recinto eram de madeira, notei, porém, que no pavimento, um tanque de ferro, estava coberto por uma crosta metallica. Abaixei-me e estava já a raspa-la com a unha afim de lhe verificar a naturêza, eis que oiço uma exclamação repregada, em alemão, e dou com os olhos no rosto cadaverico do coronel debruçado sobre mim.

— Que está fazendo? perguntou.

E eu, furibundo por me ter deixado cair em semelhante esparrela.

(Continúa)

M. Macedo.

A natureza e seus phenomenos

PHYSICA

PARTE III

CALORICO

CAPITULO I

O calor e seus effeitos

Para medir altas temperaturas, empregamos os pyrometros.

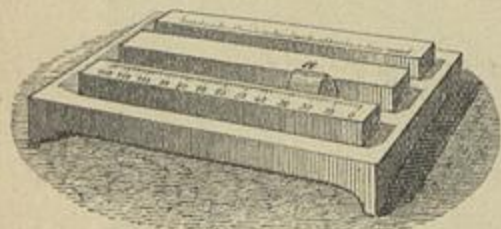


Fig. 44 — Pyrometro de Wedgwood

O pyrometro de Wedgwood funda-se na propriedade da argilla se contrahir pelo calor. Consta de uma placa de cobre onde se fixam tres barras não paralelas umas ás outras, mas de modo que a primeira esteja separada da segunda, de 6 linhas, n'um dos extremos, e de 5 linhas, no outro extremo, enquanto que a segunda esteja afastada apenas de 5 linhas n'um dos extremos, e de 4 linhas, no outro extremo. As duas barras lateraes, de comprimento igual a um pé inglez, dividem-se em 240 partes eguaes, cada uma d'ellas correspondendo a um grau do pyrometro. Tomando-se um cylindro de argilla, secco n'uma estufa, e com um diametro tal que possa penetrar, por entre as barras, até ao zero da escala, e collocando, em seguida, esse cylindro n'um forno, cuja temperatura nós desejamos avaliar, veremos que, a argilla tendo-se contrahido, mais ou menos, conforme a intensidade de calor do forno, o cylindro passará, entre as barras, além do zero da escala. Se este attingir o grau 15, como cada grau do pyrometro corresponde a 72° centigrados e o zero da escala a 580°, a temperatura do forno que desejamos avaliar, deverá ser de:

$$580 + 15 \times 72 = 1:660 \text{ graus centigrados}$$

— O modo como o calor se propaga no espaço, a distancia, chama-se *calor irradiante*.

Intensidade calorifica é a quantidade de calor que um corpo emana.

N'um meio *homogeneo*, isto é, um meio que apresenta em todos os seus pontos, igual densidade e composição, o calor propaga-se sempre em linha recta.

Qualquer direcção em que se propagam as ondas calorificas, é um *raio de calor*.

A reunião de raios calorificos, denomina-se *feixe calorifico*.

Se collocarmos varios thermometros a diversas distancias do foco calorifico veremos que a temperatura será maxima, n'aquelle que mais perto estiver d'esse foco. Portanto, a intensidade calorifica varia com uma distancia, tornando-se successivamente menor á maneira que nos afastamos da fonte do calor.

Essa intensidade será tanto maior quanto menor for a obliquidade dos raios incidindo sobre uma superficie. E' essa a razão porque o sol nos aquece mais quando os seus raios são perpendiculares á terra.

Se collocarmos varios thermometros em diferentes pontos igualmente distantes do foco calorifico, veremos que o calor se propaga em todos os sentidos, com igual intensidade.

Se fizermos a experiencia no vacuo, notaremos o mesmo facto.

— Quando um raio calorifico encontra um obstaculo, reflecte-se, de fórma a não poder vencer e soffre a *refracção*.

Da mesma forma como no som, o angulo de reflexão de um raio calorifico é igual ao angulo que o raio incidente faz com a normal, estando estes dois angulos, sempre no mesmo plano.

Com relação á *refracção*, observa-se um phenomeno perfeitamente identico áquelle que se produz, nos raios luminosos, reservando nós este assumpto para quando nos occuparmos d'estes.

— Os corpos que se deixam atravessar pelos raios calorificos sem os absorver, chamam-se *diathermicos*, em opposição a todos os outros que se denominam *athermicos*.

O corpo é tanto mais *diathermico* quanto menos espesso for. Faz excepção a esta regra, o sal gemma que deixa sempre passar o mesmo calor incidente seja qual for a espessura da camada.

ANTONIO A. OLIVEIRA MACHADO.

(Continúa)

CANÇÕES DA VIDA

POR

LUIZ CEBOLA

O retrato que publicamos é o de um novo poeta, Luiz Cebola, moço de quem muito ha a esperar e que além de ser já um laureado estudante de medicina da Escola Medica de Lisboa, onde cursa o ultimo anno, se nos apresenta agora como auctor de um primoroso livro de versos, intitulado *Canções da Vida*, ha pouco lançado no mercado.



LUIZ CEBOLA

Canções da Vida é de um lyrismo simples e encantador, reunindo, n'um voluminho de quarenta e oito paginas, diferentes especies de poesia.

D'uma technica e metrificacão irreprehensíveis, primam, no entanto, pela ideia sempre delicada que encerram. No seu trabalho não ha nephelibatismo, a ideia é sempre clara e o estylo empregado pelo auctor é em bom portuguez. Na descripção Luiz Cebola cria uma innovação no mesmo genero com que Cesario Verde se distinguiu. Consiste, a originalidade a que me refiro, em o auctor das *Canções da Vida* extrahir do que pretende reproduzir, na rithmica linguagem do verso, exclusivamente o impressionismo que caracteriza o objecto da sua descripção, dando-nos assim a mais perfeita impressão e sempre no estreito limite do sonetinho. Avalie-se pela poesia que se segue como o artista cultiva este genero.

A FEIRA

Ciganos, poeias erguidas,
quinquilharias e gado,
e barracas de comidas
abundam pelo mercado.

Pobres, em choro cantado,
pedem mostrando as feridas.
Sob o arvoredado copado,
ha varias dansas garridas.

Foguetes, a estralejar,
sobem festivos no ar...
Escalda o sol do verão!

E n'um theatro de madeira
fala um comico de feira,
arengando á multidão,

Tambem para amostra do seu sentir leia se a seguinte de caracter philosophico repassada do mais doce sentimento e de immensa belleza artistica:

O CAVADOR

Cava, cava, ó cavador,
a terra que não é tua!
Enriquece o teu senhor,
revestindo a terra nua
de sementeiras em flôr.

Todo o sangue que has perdido,
sangue rubro como a aurora,
virá n'ellas resurgido...

Quem sabe se, a esta hora,
haverá na tua casa
um pão na arca e uma brasa
na lareira triste e fria?

Mas que importa uma agonia,
uma lagrima, uma dôr,
da gente faminta e nua?!

Cava, cava, ó cavador,
a terra que não é tua!

Todos os seus versos teem unidade e identidade de forma e de ideia e ordem philosophicas que definem um espirito superior.

Ao auctor das *Canções da Vida* desejamos que prosiga n'esse caminho que, logo ao começo, nos proporcionou a leitura aprasivel do seu bello trabalho e nos desculpe esta singela mas justa homenagem.

L. A.

O MEZ METEOROLOGICO

Março 1905

Barometro: Maximo 774,^{mm} 1 em 7.

» Minimo 756,^{mm} 6 em 1.

Thermometro: Maximo 25°,7 em 29.

» Minimo 5°,4 em 2.

Durante os tres primeiros dias do mez de março, as maximas foram fracas e respectivamente eguaes a 12°,3, 12°,2 e 12°,6, subindo de 4 até 7, em que attingiu 18°,8, marcando 18°,0 em 8. De 9 até 25, temperatura proxima do normal.—A partir de 26, bruscas variações.—Em 26, a maxima foi de 16°,0 — em 27, de 18°,0 — em 28, de 20°,2 — em 29, de 25°,7, com um maximo de 9°,3 — em 30, de 24°,3 e em 31, de 22°,1.

Ventos dominantes: NW de 1 a 6 — NE de 7 a 10 — SW desde 11 até 27 e variavel até ao fim do mez.

Chuva: 40,^{mm} 6 em 15 dias.

Nebulosidade: Bom tempo 6 dias; nublado 20 dias e encoberto 5 dias.

Nevoa: Em 8.

Trovões: Em 3.

Halo da lua: Em 18 e 19.

NECROLOGIA

GUILHERME AUGUSTO DE SANTA RITA

Nasceu em Lisboa no dia 21 de Outubro de 1850 e falleceu aos 9 de Março de 1905.

Tinha o Curso Superior de Letras, aprovado sempre com distincção, e dos 16 aos 20 annos foi empregado de carteira na casa commercial de Oliveira Soares.

Entrou aos vinte annos, em 1879, como amanuense no Tribunal de Contas, por meio de concurso, sendo classificado em primeiro lugar.

Em 1884 fez concurso para o lugar de 2.º official no Ministerio das Obras Publicas, obtendo tambem a primeira classificacão, e sendo nomeado em 1885.

Casou, em 1886, com D. Palmyra Cau da Costa,

São cousas que vão longe mas que devem recordar-se a todo o momento para prevenir as consciências fracas contra as hypocritas investidas dos que especulam com a religião de Christo.

Ao paiz.—O commercio da Villa do Dondo (Angola). Lisboa 1904. — E' um bem fundamentado protesto contra a emigração forçada da Provincia de Angola para as ilhas de S. Thomé e Príncipe, roubando os serviços á agricultura da provincia, factos consentidos e até protegidos pelas auctoridades.

Este assumpto demasiado conhecido por haver sido em tempo tratado por uma parte da imprensa periodica de Lisboa, determinou a prisão de dois commerciantes bastante considerados os srs. Antonio Perez e José de Macedo, o que foi qualificado por uma ar-



GUILHERME AUGUSTO SANTA RITA



D. JUAN VALERO

bitrariiedade do sr. Custodio Borja, então governador geral da provincia.

Para quando os nossos filhos tiverem 18 annos. Traducção do sr. dr. Virgilio Baptista — E' uma divulgação util de um interessante trabalho do professor Alfred Fournier, que interessa tornar conhecido da mocidade por tratar da prophylaxia de doenças que se adquirem nas idades em que ainda falta a experiencia do mundo para as evitar.

A edição é da Imprensa Libanio da Silva; e como todos os trabalhos d'ali sahidos recommenda-se pela nitidez e perfeição da sua execução typographica.

Collecção theatral. Esta bibliotheca acaba de publicar o seu 2.º numero, contendo *Um engano* (monologo); *Bin á excursion* (cançoneta comica) E' uma publicação que deve ter muita procura

pelo amadores dramaticos a quem especialmente os seus trabalhos são consagrados.

Historia das tintas em geral — Considerações preliminares — Escripura ideographica, alphabetica e outras — Breve noticia das tintas de escrever.

E' uma interessante monographia do sr. J. A. Bentes em que se dá uma desenvolvida noticia do *Papyrus*, pergaminho, papeis etc., bem como das tintas e artigos de escripta que convem conhecer aos estudiosos.

O Congresso de Roma. — Conferencia realisada pelo delegado portuguez ao congresso de livre pensamento, sr. dr. Magalhães Lima. — Lisboa, 1904. A forma como este trabalho está organizado constitue um bom elemento de estudo, no qual se passa em revista toda a historia das sociedades secretas na grande lucta para afirmar esse grande ideal de liberdade e de justiça, e se fazem incontestaveis afirmações do direito que assiste aos cidadãos de poderem livremente expender as suas doutrinas de emancipação contra a educação religiosa seja de que natureza fór que se allie ás manifestações civis d'uma nação.



DOMINGOS CAZELLAS BRANCO

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras



R. do Alecrim, 411, 4.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA

LE DICTIONNAIRE DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle de Paris de 1900



Français, Allemand, Anglais, Espagnol, Italien et Portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

-FABRICA DE MOVEIS NO PORTO

DE REIS & FONSECA

Com officinas e deposito em Lisboa

Completo sortimento de mobílias e estofos em todos os generos e estylos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

LARGO DO CALHARIZ, 26 E 27 — LISBOA

PASTOR, GOUVEIA & C.ª

Agência geral no Brazil do

Correio da Europa

Agentes das principaes casas editoras de Lisboa e Porto.

161, Rua dos Ourives — RIO DE JANEIRO

Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO

— LISBOA —

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA

(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida

Atelier Photo-Chími-Graphico
P. MARINHO & C.ª

Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

N.º telephonico, 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

ATELIER DE PHOTOGRAPHIA

DE JOÃO F. CAMACHO

Trabalhos todos os dias, das 9 da manhã ás 4 da tarde, sem pretexto de luz. — Cartes de visite, cartes album, boudoir, etc. Retratos de familia e ampliações. Grande collecção de vistas da Madeira, Teneriffe, Lisboa, Alcobaça, Cintra, Belem e Batalha.

O nosso novo atelier presta-se admiravelmente a todos os efeitos de luz, e permite fazer o retrato em dois ou tres segundos.

116, Rua Nova do Almada, 118 — LISBOA

Almanach illustrado do «Occidente»

PARA 1906

Sahiu a publico este magnifico annuario, e encontra-se á venda em todas as livrarias. A capa é um lindo chromo, reproduzindo um typo de mulher do Minho, de um bello efeito, aguarella de José Leite.

Preço 200 réis e 220 pelo correio

Recebem-se encomendas na

Empresa do OCCIDENTE — Lisboa